

O HERALDO

Arancios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador: Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

Os nossos soldados em Paris

Informações chegadas de França, falam assim dos nossos soldados:

Finalmente, la consigne est levée: os jornais de Paris podem falar de nós, o mundo (o mundo que não recebe e não compreende os jornais do Porto e de Lisboa) pode saber que as tropas portuguesas estão em França. E aproveitando-se da liberdade que lhe é concedida ao fim de tantas recusas e de tantas hesitações, a imprensa de Paris consagra-nos referências extremamente lisonjeiras.

«Os soldados portugueses — escreve o «Eco de Paris» — produziram uma agradável impressão em todos os que os viram. Com belo aspecto, ativos, no seu uniforme bleu horizon, eles não tem nada, mesmo nada, do militarismo alemão. Os oficiais, elegantes, moços de olhar franco, ar decidido. Falam quasi todos os francês e alguns com uma rara perfeição. Os soldados são vigorosos, bem equipados, resolvidos a tomar uma parte activa na luta contra o inimigo comum.»

Todos quantos os viram em Brest, trouxeram essa impressão. E eles vinham duma viagem tormentosa de alguns dias e encontravam em França uma temperatura que muitos jamais tinham conhecido. Tudo isso poderia ter concorrido para os deprimir, contudo eles apresentavam-se de maneira a impressionar favoravelmente os que os viam.

E' bom que isso ahi se saiba. Porque parece, que, não sei com que intuitos, se quiz fazer acreditar exactamente o contrario. Hoje, esses soldados, que começaram desembarcando em Brest no dia mais frio deste inverno excepcionalmente cruel, estão já acimatados e a prova de todas as intemperies, como á prova de todos os esforços que peçam ao seu heroismo. A visinhança do perigo firmou ainda mais em todos eles a corajosa resolução de o afrontar. Não tenham duvidas: dentro de pouco tempo as proezas dos nossos campos de batalha darão vasto assunto aos cronistas da guerra e vasta satisfação ao nosso orgulho. Como dizia ontem no «Temps» Mr. Jean Le-franc, «eles juntarão uma nova pagina aos seus «Lusiadas», cujo autor foi um grande poeta, mas também um heroe.»

Paris, 25 de Abril de 1917.

Paulo Osorio.

IMPRENSA

«Alma Algarvia»

Completo o quinto ano da sua publicação esta bem redigida revista literaria que, sob a direcção do nosso presado amigo e correligionario sr. Julião Quintinha, se publica em Silves. «A Alma Algarvia» que suspende temporariamente a sua publicação, reaparecerá logo, que sejam mais propicios os tempos á labuta da imprensa periodica, agora asoberbada com difficuldades de toda a especie.

Crónica citadina

DIA DE MAIO

Dia festivo, verdadeiro dia de paz e amor, o dia de Maio é daqueles que mais gratas recordações podem deixar nos espiritos despreocupados.

Neste Algarve florido, logo pela manhã, antes que o sol assente sobre a terra o seu monoculo petulante, povoam-se estradas e caminhos e vai um arruado doido de «gentio», que por montes e vales estuda, em alegres libações, a melhor forma de esconjurar os malefícios de Maio, tão antipatico aos lacobrienses.

Maio é o mês das flores, o mês de Maria, o mês de dos perfumes espirituais, o mês das rosas candidas nubladas de pejo sob os osculos apaixonados do orvalho lucilante.

Este ano, o dia de Maio teve chuva e o luar foi levemente nostalgico.

Os seus dias tem sido nublados, tristes. Mas enfim... Oxalá que todas as nossas presadas leitoras e siusos leitores tenham sabido esconjurado com as praticas tradicionais todos os malefícios deste mês...

LYSTER FRANCO.

PALAVRAS DE JUSTIÇA

O sr. dr. Afonso Costa, discursando na camara dos deputados em resposta aos «leaders» que apreciaram a constituição do novo gabinete da sua presidencia, referindo-se ao illustre chefe do nosso glorioso partido, sr. dr. Antonio José de Almeida, proferiu as seguintes palavras de uma imparcial e nitida justiça:

Ele, orador, foi um dedicado, profundo e carinhoso amigo do sr. dr. Antonio José de Almeida, desde os tempos longinquos da Universidade de Coimbra onde foram contemporaneos, até alguns meses depois da proclamação da Republica. Teve a desventura de se ver afastado de s. ex.ª pela intensidade, pela violencia, pelos erros resultantes das nossas paixões politicas, mas por outro lado teve a suprema consolidação na sua vida de ter renovado as suas relações de amizade com o illustre homem publico. Tem obrigação de dizer, naquelle lugar, do homem que presidiu a um governo de treze meses, de que ele, orador, fez parte — governo da União Sagrada — do homem que tem no seu passado uma obra determinada pelo seu pelo imenso amor á Patria — tem obrigação de dizer, repete, que o sr. Antonio José de Almeida encarna uma grande força nacional. (Apoiados).

O sr. dr. Antonio José de Almeida, seria em todo a parte do mundo um homem respeitado, estimado e admirado. (Apoiados. Muito bem).

S. ex.ª ajudou triunfante a preparar o país no combate contra a monarchia, ajudou a consolidar a Republica saída do movimento glorioso de 5 de Outubro, e agora colabora, por uma maneira, forte e eficaz na deza dos altos interesses nacionais. (Muitos apoiados). Apesar do seu precario estado de saude, s. ex.ª não deixou um instante de dar ao país todo o seu esforço e sacrificio; mantendo-se intrepidamente no governo num periodo como este de guerra, em que se pode haver a satisfação e alegria de cumprir o dever, é preciso contar principalmente com toda a especie de difficuldades. O país deve-lhe, pois, a sua homenagem. (Apoiados). Desejaria que o sr. dr. Antonio José de Almeida ou algum dos seus correligionarios fizessem parte do nosso governo para mais vivamente accentuar a União Sagrada, mas s. ex.ª por motivos que largamente expoz, observou que aos proprios interesses nacionais, convinha mais que o governo se formasse com um só partido para ter maior unidade e intensidade de acção, prometendo-lhe a sua solidariedade e afirmando categoricamente que a União Sagrada não só se não desfaria, mas ainda mais se reavigoraria nas horas cada dia mais se difficis que a Patria atravessa e em que tantos filhos estão prestes a entrar em combates tre-

mendos que a guerra tem desencadeado sobre a humanidade inteira.

(De «O Sul».)

Revolucionarios

Eis os nomes dos vinte inventores que, na opinião de Caroege, revolucionaram o mundo:

«Gutenberg».—Gravador alemão, que inventou os caracteres moveis da imprensa e o prelo para imprimir.

«Volta».—Fisico italiano, que construiu a primeira pilha eléctrica e descobriu a electricidade dinamica.

«Papin».—Fisico francês, que descobriu e applicou a força elastica do vapor.

«Montgolfier».—Fabricantes de papel, francezes, que inventaram os globos aerostaticos. Aqui o famoso milionario pareceu desconhecer a obra do portuguez Bartolomeu de Gusmão, que precedeu as experiencias daqueles.

«Watt».—Mecânico escocês, que tornou completamente automatica a máquina de vapor.

«Arkwright».—Inventor da máquina de fição, que substituiu a velha roca e o fuso.

«Jacquard».—Tecedor de Lion, que construiu o tear ainda hoje em uso, embora muito aperfeçoado.

«Lamarck».—Naturalista francez que elaborou a teoria do transformismo universal, a qual depois serviu de base aos estudos do grande Darwin.

«Jouffroy (marquês de)».—Fisico francez, que concebeu a idea de aplicar o vapor á navegação, mais tarde levada á pratica por Fulton.

«Jaeger».—Medico inglés que descobriu a vacina contra a variola.

«Lavoisier».—Verdadeiro criador da quimica moderna, guillotinado em França durante a época do Terror em 1794.

«Morse».—Pintor e escultor americano, que dedicando-se ás investigações scientificas, inventou o telegrafo electro-magnético.

«Lebon».—Engenheiro francez, que applicou á iluminação o gaz extrahido da hulha.

«Stephenson».—Engenheiro inglés, inventor da locomotiva.

«Bessier».—Engenheiro inglés, que inventou o transformador do aço e revolucionou a industria metalurgica.

«Morton».—Medico inglés, que descobriu as propriedades anestésicas do éter.

«Pasteur».—Sábio francez, que descobriu a vacina anti-rábica e a acção dos microbios nas fermentações, putrefacções e enfermidades infecciosas.

«Edison».—Engenheiro americano, que inventou o fonografo, o cinematografo e a lampada de incandescencia.

«Marconi».—Fisico italiano, que inventou o telegrafo sem fios, baseado nas ondas herztianas.

«Mouillard».—Naturalista francez, que determinou as leis do vôo das aves e construiu o primeiro aeroplano que sulcou os ares.

LEOTE DO REGO

Consta que se effectuará no proximo dia 13.ª conferencia patriótica pelo chefe da divisão naval portugueza, sr. Leote do Rego.

Já regressou a Faro o nosso presado amigo e colega sr. Luiz Mascarenhas, digno Director do «Algarve».

Convem a todos,

que precisem de comprar um bom relógio ou um bonito objecto de ouro ou de prata, por preço barato, dirigirem-se ao novo estabelecimento de ourivesaria e relojoaria do sr. João Verissimo Pinto Lopes, na rua D. Francisco Gomes, n.º 45 da esta cidade.

O proprietario daquela casa também compra ouro e prata usada; e garante a boa execução de concertos em ouro, prata, e relógios.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero.

Exposição de Arte

Effectua-se hoje, no salão do Lethes, pelas 12 horas, a inauguração solene da Exposição de Arte promovida pelos sr. Lyster Franco, Raul Carneiro, Carlos Porfírio e Jorge Barradas.

A visita da Imprensa, que procede o acto inaugural, teve de ser também marcada para hoje, das 11 horas em diante, em consequencia do atraso da instalação do certamen, que tanto interesse está despertando entre nós.

O grupo de gentis Senhoras, que sob a presidencia da Senhora D. Ana de Bivar Cumano, se propõe a fazer a venda de flores e a superintender na admissão de entradas, cujo producto reverte a favor do Hospital da Misericórdia desta cidade, conta obter um grande exito da parte do publico, secundando assim valiosamente a iniciativa dos expositores.

A GUERRA

A barbarie alemã

O ministro dos estrangeiros comunica os actos de devastação cometidos pelos alemães em territorios invadidos e diz que o governo francez se dirigiu aos seus representantes nos países neutraes encarregando-os de formular o seu protesto. Diz que nenhuma razão militar explica a destruição sistemática das povoações, a profanação dos museus artisticos, o despojo de templos, o saque e incendio das cidades. As arvores frutíferas são inutilizadas para a produção futura. Os poços são envenenados. Também protesta contra o saque dos cofres dos Bancos. As companhias foram roubadas os titulos das dividas roubados os titulos das dividas guardados nas casas bancarias. Roga-se aos governos neutraes que previnam os seus Bancos contra toda a operação proposta por entidades particulares alemãs antes de justificar a procedencia dos valores. Esta comunicação é assignada por M. Ribot.

Influencia alemã

Telegrafam de New York que se recebem informas alarmantes diariamente do Mexico que bastam para dissipar os ultimos optimismos. Dizem que no Mexico se forma um exercito de 150 a 200 mil alemães. A noticia está plenamente confirmada. A influencia alemã, tanto militar como financeira, domina a acção mexicana.

Um benemérito

Ainda não ha um ano que a Italia e todo o mundo scientifico festejavam, em Pisa, o cincoentenario da invenção do «dinamo» na pessoa do grande e modesto cientista Antonio Pacinoti, e ha dias o telegrafo noticiou a sua morte.

Desapareceu da scena do mundo um patriarca da sciencia, um benemérito da civilização.

Ha cincoenta annos, Pacinoti era um estudante da Universidade de Pisa; e construiu e experimentava o primeiro «dinamo» e o primeiro motor electrico.

Com a sua pilha, Volta creou uma nova sciencia; Pacinoti marcou a segunda etapa duma obra colossal do engenho humano que Galdeu Ferraris continuou, realizando o transporte da energia electrica a grandes distancias, e que Marconi proseguiu, demonstrando que a electricidade nasceu como dominadora dos espaços infinitos.

Pacinoti, Volta, Ferraris e Marconi são quatro nomes profundamente italianos, que marcam as quatro etapas fundamentais de uma sciencia que mudou a face do mundo.

Pacinoti, resolvendo o problema de transformar a força mecanica em energia electrica, produzindo correntes continuas, conquistou a immortalidade.

Podia ser milionario, se quizesse se tivesse registado a propriedade da sua descoberta, mas fez presente dela, generosamente, á industria, preferindo continuar a ser professor da Universidade de Pisa, sua cidade natal.

O governo nomeou-o senador.

Ostreicultura Portuguesa

Entre os caracteristicos pregões de Lisboa é bem conhecido: *Quem quer ostras, ostras!* lançado por pobres pescadores que vendem, ao preço infimo de três centavos por dúzia, o mais rico molusco, o mais suboroso, o mais alimenticio com que a prodiga Natureza dotou as nossas aguas. Apesar da baratesa, poucas pessoas comem ostras em Lisboa. A falta de uso, o receio de que o molusco venha inquinado (é prohibido apanhar ostras na margem norte do Tejo), e talvez o não ser moda, todas serão razões para o pequenissimo desenvolvimento do consumo das ostras; desse alimento substancial e perfeito que nos restaurantes das grandes cidades estrangeiras se paga carissimo e se consome em quantidades extraordinarias.

Convem distinguir: ha ostras e ostras. Nas costas e rios de Portugal existem milhares e milhares de ostras; mas em Portugal não ha ostreicultura. A ostra do homem do pregão é o produto tal como a Natureza o criou, bravo digamos assim, sem elegancia na apparencia da concha, sem qualidades aperfeçoadas pela selecção. A ostra dos restaurantes de Londres ou de Paris é o resultado do trabalho persistente do ostreicultor, seleccionando, aperfeçoando o que a Natureza criou, tratando-nos «parques» o precioso molusco, desde que ele é expellido na concha, até que se remete ao consumidor, com cuidados e carinhos comparaveis aos empregados na sericultura, trabalhos quase todos feitos por mulheres e mesmo por crianças, pois não exigem força mas simplesmente delicadeza. São assim, entre outros, os famosos parques de Arcachon, donde saem, para todos os departamentos da França, ostras, acondicionadas em elegantes cestinhas, que constituem o mais delicado presente que se pode oferecer a uma boa dona de casa.

Das ostras de Portugal suspeitava-se que eram abundantes, mas dizia-se também que eram de inferior qualidade. Tentativas de ostreicultura, algumas houve; mas, por causas meramente occasionais, não deram resultado apreciavel. Tudo quanto respeitava ás ostras de Portugal era muito incerto; e, em compensação, julgavam-se exactas certas noções que mais tarde se verificou serem erradas. Não havia ostreicultura e das ostras naturais poucas pessoas as compravam ao pobre pescador do pregão.

Em julho de 1912, sendo ministro da marinha o sr. dr. Fernandes Costa, publicou-se uma portaria nomeando uma Commissão para estudar o assunto, principalmente restrito á bacia do Tejo, e depois ampliado a todas as costas e rios de Portugal, onde porventura existissem ou tivessem existido bancos naturais de ostras. O fim principal indicado á Commissão era o de fazer como que o inventario da existencia dos bancos e seguidamente propor o que se lhe afigurasse necessario para o aproveitamento dessa riqueza natural.

A Commissão, trabalhando desde logo e apresentando dois desenvolvidos relatorios: o primeiro em 22 de Maio de 1913 e o segundo em 22 de Março do corrente anno. Foram esses relatorios publicados nos *Anais de Marihuia*, e encerram noticias do mais alto interesse.

Em primeiro lugar cau por terra, definitivamente, a lenda da ostra portugueza e da ostra franceza. A chamada ostra portugueza nem é originaria nem exclusiva de Portugal; a chamada ostra franceza existe, em estado natural, tanto em Portugal como em França, onde aliás não é exclusiva.

Em segundo lugar verificou-se, que existem, naturalmente, em Portugal, pelo menos seis especies de ostras: *cochlear, stentinea, canadiensis, edulis, angulata, virginica*. As tres ultimas são as industrialmente aproveitaveis; a *edulis* é a chamada franceza; a *angulata* é a chamada portugueza; e susceptivel de se aperfeçoar pela cultura, de modo a fornecer um produto tão saboroso e tão alimenticio como a *edulis*.

Mas a verificação mais notavel foi a que se refere á extraordinaria abundancia de bancos naturais de ostras existentes em Portugal, abandonados, inexplorados ou o que é peor, devastados inconscien-

mente e muitos deles desconhecidos até hoje. Existem principalmente esses bancos, na baía do Tejo (margem esquerda), na do Sado e Marateca, no rio Mira, no rio de Alvor e nas costas do Algarve. São milhões de ostras, infelizmente em excelentes condições de vitalidade, que apenas esperam auxílio do Estado regulamentar para constituírem uma riquíssima fonte de comércio, interno e sobre tudo externo.

Não permite o espaço, concedido a esta notícia, dar grande desenvolvimento sobre o assunto. Por isso terminaremos com o seguinte resumo dos Bancos naturais de ostras em Portugal, extraído dos dois relatórios acima citados.

Alvor—Existem espalhadas por toda a ria lindos exemplares de ostra *edulis*, muito semelhantes às apreciadas ostras zelandesas de Cantale, em frente de Alvor, no Vergal ou Vergão, no Vau, Espargueira e Rocha. Na extensa zona do Vale de Lama ha grande quantidade de ostras da especie *angulata*. Fora da barra e muito próximo, a 100 ou 150 metros da foz do rio fôdo de areia e cascalho, em 1,5 a 2 braças, existem exemplares de ostras *edulis*.

Na zona dos fundos até Portimão ha bastante acumulação de ostras, não constituindo propriamente bancos. **Portimão**—No Sítio da Velha das Castanhas e Nossa Senhora do Rosario ha um extenso banco, sempre coberto com 2 ou 2,5 braças de água sobre ele, cujos exemplares se verificou pertencerem á especie *angulata*. No sítio do Pragal e Casa da Saia ha pequenos bancos de ostras. Na Ribeira da Boina em toda a sua extensão, onde em tempo era frequente encontrar grandes quantidades de ostras, hoje são raríssimas, parecendo terem pertencido os exemplares á especie *stentina*.

Junto ás pedras das ruínas do antigo convento de S. Francisco, e no sítio do moirão da Espada existiu em tempos um banco de ostras de relativa importância, as quais, segundo as informações fornecidas, pertenciam ás especies *stentina* e *edulis*; hoje poucos ou nenhuns vestígios se encontram da sua existência. Fora da barra, próximo dos locais onde lançam as armadilhas da sardinha e de atum, ha diferentes acumulações de ostras, espalhadas pelo fundo.

Faro e Olhão—Em toda a ria que é muito extensa, no labirinto formado pela intrincada rede de canais e canalotes, entre sapais por vezes extensíssimos e muito ricos, existem exemplares dispersos de ostras *edulis*, *angulata*, e alguns outros de enorme quantidade de *carcanholas*. Um dos melhores locais da ria de Faro é o Estreito dos Paus, onde se tem feito experiências e estudos para o desenvolvimento da industria ostreicola.

Fora da barra do Anão, em frente de Quarteira, a 4 milhas de distancia da linha da costa, existem em 21 e 22 braças de fundo os grandes bancos conhecidos pelo nome de Cabeço de Camara e Mar do Levante, o primeiro dos quais tem mais de 5 kilometros de comprimento por cerca de 2 kilometros de largura, bancos esses que foram dragados em toda a sua extensão durante dois dias, pertencendo os exemplares obtidos pela dragagem á especie *angulata*. Em frente de Albufeira consta existir um banco de ostras, cuja posição não está ainda determinada; dizem-nos entãto os pescadores que é abundante em ostras. Também segundo informaram os pescadores, em tempos existiu em frente da barra do Anão um extenso banco de ostras, que foi intensivamente explorado; hoje apenas restam vestígios da sua existência.

Muitos outros bancos e corais existem em toda a costa, mais ou menos distantes da terra, mas a sua situação só poderá ser verificada quando ali se fizerem sondagens para a confecção da carta litológica, a que se está procedendo nas costas do continente.

Tavira—Na Praça Larga, Ponta do Espigão, defronte e bastante para o sul da povoação de Santa Luzia, ate próximo da barra da Fuzeta, ha, no fundo da ria e espalhados pelos sapais, grandes quantidades de ostras, as quais, tendo sido dragadas do fundo, se reconheceu pertencerem á especie *angulata*, succedendo outro tanto junto das Cabanas, Forte da Conceição e nos sítios do Altar e da Mama Gorda, onde misturadas com as ostras da especie *angulata*, se encontram grandes quantidades de *carcanholas*.

A partir da Barroquinha até ao Lacer proximo já da barra de Tavira, e nas imediações de Cacela, ha muitos exemplares de ostras *edulis* e de *carcanholas*, sendo extremamente raros os espécimens de ostra *angulata*.

Nas alturas do Cabeço, proximo do Monte Gordo, ha, longe da costa e em fundos de 8 braças, alguns bancos de ostras, cuja posição não está bem determinada, não sabendo os pescadores mais conhecedores da localidade definir a sua posição.

Guadiana—Ha cordões e acumulações de ostras, bem como exemplares dispersos por diferentes pontos das margens do rio Guadiana, mas não se tem examinado pelo receio de estarem inquinadas de sais de cobre, provenientes das aguas empregadas na laboração da Mina de S. Domingos que frequentemente são despejadas para o rio.

FUTURISMO

GENTE NOVA

DESEIOS

A Iba-Amar

Agucena florida, meu pensar em ti dilata-me no espirito a ambição louca de electrizar palavras que te não digão mas que seria feliz dizendo. Te beijos brancos e hólidos de ouro a florir, nem escarninhos da rouidão dos cravos e do amarello pálido das rosas nascentes...

Longe das urzes, só um anseio adeja em volta de mim, roçando no meu espirito suas névoas azas esperanças nas:

Que, sob o luar amavel do teu olhar negro, o trévo reconciliante ascenda florido e lindo, entre papillos rosas nas órlas de relva do lago. Porvir!

ALELUIA

Do futurista Nesso

Porque eu sinto no cerebro, a raiva por tudo quanto não caminha. O progresso arde-me na alma em ressonâncias incandescentes.

Glória ao ranger do meu cerebro! Glória! Glória!

A minha ansia de te morder, embriaga-me!

Santos... lírios...

Malditos; já não me vibram.

Tenho vícios de desespero, por tudo o que me rodeia. Nada me possui. O tédio em mim exprime-se pelos outros. São todos, fumo do meu despreso.

E o riso dos imbecis.

E as lagrimas das miúdas anãs.

E a morte dos outros.

E a vida de mim mesmo.

E tudo quanto vive.

E tudo quanto morre.

E o meu despreso por tudo.

Glória! Glória!

Órgão

Quero-me sentir na alma das grandes derrotas, das grandes lutas, na febre dos que se vingam.

E a minha alma de vertigem, essa, que eu mais odeio!

Quero-me no grande odio dos famintos, dos desgraçados; na furia das tempestades; no ranger de todas as máquinas de tortura.

E a carne neonata dos mistérios; e o caminhar do mundo para a morte; e a gloria dos que não tem ninguém; e a luta dos que não tem um carinho; e a felicidade dos que se despedaçam; e o tédio dos que tem amor; e a chateia dos que são ricos; e a carne das mulheres vendidas; e os beijos das virgens; e a vertigem da velocidade; e tudo quanto é belo e de que eu não gosto; e tudo quanto é horrível e que eu aborreço; e tudo quanto eu sinto e que me enfiava; e tudo quanto os outros sentem e que eu odeio.

E todos os que tem familia; e todos os abandonados; e tudo, tudo, eu quero-me em tudo e eu odeio tudo!

Quero-me na alma de todos os criminosos; quero-me nos beijos das hetairas; quero-me na vertigem do ódio; quero-me nos preteridos; e na febre dos coitadinhos á morte; e no gloria dos grandes artistas; e no rodopio dos elices dos grandes transatlânticos; e na vida das grandes descobertas; e na vertigem dos grandes heróis; e na ansia dos futuristas; e em todas as cores de todos os quadros; e em tudo o que eu não vejo; e em tudo o que não ha e que não possa haver; e a minha raiva é tanta e a minha ansia rasga-se tão negra que o meu cerebro se esmagar, em frente de tanta gloria!

E eu quero morder os teus seios; eu quero rasgar-te a carne; eu quero que morras nas minhas garras insouciantes de Cor!

Resvalam-me em rodopio os crimes de todos os amantes; as estrelas de todos os mundos; os crimes; os grandes crimes, de todos os tempos; os anúncios de todos os jornais.

Excellent service—Table d'hôte and à la carte.

Telefone 1915

(Ao Cais do Sodré)

O desespero de todos os atrevidos; as maldições de todos os desesperados; os imprecções de todos os vendidos; a morte de todos os sonhos; e tudo o que é Beleza e tudo o que é horror; e tudo o que é meu; e tudo o que é dos outros e que eu não sei sentir e que eu não quero sentir!

HORACIO.

A familia Arriaga

A familia Arriaga manifestou ao governo desejos, que foram satisfeitos, de pagar as despesas com o modesto funeral que foi feito ao seu illustre chefe, embora o Congresso tivesse votado os funerais nacionais. Outro sim a sr. D. Lucrécia Arriaga, illustre viúva do eminente cidadão, sabendo que o sr. dr. Antonio José do Almeida tencinava apresentar ao Congresso uma proposta de lei para que lhe fosse conferida uma pensão, manifestou o desejo de que tal pensão não fosse votada, preferindo ficar reduzida a modestia dos seus haveres.

INGRAFTED LOVE

A Esfinge do meu Sonho

Pensamentos coadunados avolumam-se em lídãs sau dação no escultismo nas fauces incertas do Vício. Teu culto idealizado pela febre do meu sentir!

E são catadupas de Luz gargalhando em vertigem pelo Espaço silencioso e negro!

Sob o apoteu fugitante do Infortunio—velho abutre roedor de Almas arditas em desventura,—o grande ar triste das casas tristes alfineta meus olhos!

Mas surgem os Jardins interstelares do Empíreo, se penso em Ti!

Nas calcinações alucinantes da Insónia, ás horas mortas em que o Tempo morre para a Vida ressurgindo no Sonho, entre penumbras trasgreidas, visões Tuá carne dourada, adivinho-Lhe maciças retinas e—fera escadecida!—perturbam-me lucifânicos Teus perfumes astrais!

Estrelas são flores do Céu; Tu—deslumbramento!—Flor entre as flores!

Em sonhos escuto o balbuciar-carícia da roupa que Te veste e que ao cingir-Te a esbeltez da Forma com suas brandas mãos tecidas e sem tasto, se quebra toda em piégas, risos de curva traduzindo extenuamentos de adoração amorosa!

E a Inveja, voando sobre o corseio do Instinto, vem derramar em meu espirito todo o cálico amargo da Invidia!

E em odio ás sedas aereas dos Teus kimonos nipónicos e os fideios espumantes das réntas que fligramam neve de prata sobre a Tua carne dourada!

Porto, IV—1917.

VIVINO.

APÊLO

A Vivino

Nas almas mais puras, em colunas arripiantes, descobri estranhezas. Gerei um horror de cruatras em gargalhadas hilariantes. Descarreguei do friso ansteras virtudes, com habiidades e bias praticas: De escorrencias e torpezas vi o mundo cheio! Lauei-me no meu fadarim em companhia de Patricias. Para o crime derivam lobos! Esverilhada, prosituição! Da enbica sangrenta arrastei velhos e novos em perfeito accordo!

O Crime é feroz! A Raiva é a Validade empavonada! A Loucura delitosa é o Juizo Perfeito! E na cisterna inalefica e monstruosa da Aberração reuam-se estes dois venenos! Horror! Horror!

Oh! Sociedade degenerada! Porque não serás capaz de te elevares ao culto da nação pura, da noção-lume, do Dever Moral?

Oh! Disciplina Soberana, que subjugas as vontades, Sugestão perturbadora da Onipotentia triunesca! Vícios e Prazeres a firem ao redor dos alitos o famintos! Gargalhadas casadas com suspiros! Lagrimas cósidas em embriagués! Despreso! Despreso!

E se na Existencia nada ha que possa subjugar, entrayar, o Vicio, expressão do Mal, consideremos a Vida um simples, um horrivel, um detestavel boir!

Porto, VI—1917.

A. de Queiroz.

PUGNA VITAL

A Vivino

No inapido Gimkhana do Tempo sportiza a Existencia. ...o sol põe indecisões douradas nas plumas verdes das arvores...

O Tédio e o Desalento cortam o ar com golpes de boxê; a Validade futebiliza, brutal, pontapeando a bola Estímulo.

Em plastron branco e máscara de onró a rit ao sol faiscas luminantes, a Alegria cruza florêto toledano com o cavaleiro Tristeza, de rosto velado em luto!

Incitada pela Maldade, a Ignorancia que roubar á Sabedoria seu disco argentino de arrecho...

Aspirações louras jogam o tennís. Olho. O Despreso empresta-me o seu binoculo astuto e um enorme «spleen» afasta-me do Gimkhana do Tempo!

Meu pensamento segue em vertigem, através do Espaço, no veloz, automovel Indiferença.

Hurrah pelas grandes velocidades! Porto, 28 de Abril 1917.

Kernoc.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

REALISMO...

O olhar com que ela fôla
E' como a agua infinita
Que se vê além no Mar.
Não revela dor nem maguas
E, tal como a luz das aguns,
Não se pode retratar...

O gesto do seu cabelo
—Quem pudera descreve-lo—
O brilho, a graça que tem!
Que talento na pintura
P'ra lhe pôr a gama escura,
Difícil de achar tambem:

E' um milagre de esforço
Achar-lhe a curva do dorso,
Do collo a curva ligeira:
Tem a fuga serpentina
Do trigo, quando se inclina
Sob o ramo da amendoeira.

—Tomar—1917.

O pé, com que, leve, pisava
E' uma forma precisa,
Bastante p'ra sustentar.
—Quem dera escutar a rua
P'ra ouvir se ela flutua,
Ou se, enfim, aquilo é andar.

A boca, com que ela fôla,
E' breve fructo que estala
Ao sabôr da viruçào:
Mas os polábras que gera
Saheo-lhe o timbre quem dera,
Achar-lhe o diapasão...

Um semi-deus á amaria,
Contudo, eu notei um dia
O que a não dá a namorar.
Não me custa descreve-lo.
Os meus amigos vão vê-lo:
—E' um estúpido vulgar!

J. BRAK-LAMY.

PROSA

MADRIGAIS EM PROSA

MYSTICISMO

Um sonho encantador, lindo como uma libélula aurifugente, fez-me regressar ao Passado, transpondo comigo todas as idades percorridas pela Historia.

Sob a tumultuaria agitação em que, através dos tempos, tem decorrido a vida humana, depois de presenciarmos innumeras tragedias, detivemo-nos no Golgota e o meu sonho lindo mostrou-me, crucificado, o Herce sublime da redenção da Humanidade.

Sonhando, assisti ao cruciante martírio do Homem Deus, vi agonisar o bonissimo Rabi de Galiléa, ouvi o lastimoso clamor das santas mulheres ao contemplarem as gotas rutilantes, como pequeninos rubins, do precioso sangue do Justo!

A soldadesca brutal e á turba vinolenta escarneciam-no, dirigiam-lhe pungentissimos sarcasmos; mas Ele, o olhar luminoso erguido numa contemplação derradeira, parecia abranger as profundezas do Infinito!

Uma bondade imensa, indissolvel, unica, irradiava dos seus olhos divinos; todavia, deviam ser crucificantissimas as suas dores.

Ele, porém, suportava-as tranquillo, sereno, confiado no supremo triunfo!... Dir-se-ia, aquelle esvalar de uma tão valiosa existencia, um lindo sol poente colorindo com a policromia dos seus derradeiros raios a terra saudosa e triste.

Turismo

Em um dos seus brilhantes artigos, publicado no «Século» da noite, o sr. dr. Augusto de Castro notava que o horião a que se arrimava agora a nossa pugnica de iniciativa e de acção era o de deixar tudo para depois da guerra.

Ora a verdade é que nos paizes que desde o principio dessa calamidade se entrocucaram em batalhas tremedadas, tendo de canalizar para a luta a ferro e fogo o melhor do sua actividade e da sua paixão, nesses mesmos paizes, apesar dessa absorpção de forças ainda se conseguiu plesviar enormes energias para a construção económica que é indispensavel preparar para pôr em jogo logo que surja a aurora da Paz.

A propria Alemanha tem encluido depositos enormes de produtos industriais e preparado nos seus estaleiros grande numero de embarcações, para inundar os mercados com os seus artigos de comércio logo que os portos se lhes possam abrir á expansão da sua vida mercantil.

A França, a Inglaterra, a Italia, todos os paizes que lutam há três annos pela defesa da propria existencia, estão preparando ha muito o seu futuro economico pois bem sabem que a guerra, apesar da sua intensidade tremedada, é apenas um episodio relativamente efemero.

Ha de passar, e sobre um montão de ruínas que deixar, ha de edificar-se uma civilização, mais forte e mais bela.

Entre nós não parece haver nítida compreensão de que deveremos preparar-nos com toda a urgencia para estabelecer a nossa tenda nos arais da Paz.

E, ajuda ha dias um amigo meu me dizia, a propósito dos Postos de informação no estrangeiro, em auxilio do turismo é em geral da vida economica de Portugal, que buscaria estabelecer-se quando se pudessem ver claro no horizonte internacional.

Eugano! Isso seria um erro imperdoavel. Agora, com a maxima urgencia, sem perda de tempo, é que se deve começar esse trabalho de incalculavel valor, para a nossa vida economica.

E' necessario que quando a guerra acabar—e a sua duração parece que será curta,—já toda a gente saiba que ha, por exemplo, em Paris, um posto de informação, aonde os «turistas» encontrarão todos os elementos indispensaveis para virem ao nosso pais, e onde os nossos commerciantes encontrem uma base para enciclação sobre colocação e obtenção de produtos.

Um pais como o nosso com tão belas condições naturais, tem obrigação de fazer do turismo uma base importante da sua prosperidade. Assim todos se convencerão disto e conjunguem a sua boa vontade com o patriótico esforço que neste sentido tem empregado a Sociedade Propaganda de Portugal e o Conselho de Turismo.

Abril, 1917. Do Diario da Notícias.

Padua Franco.

